

Apresentação

Carmen Teresa Gabriel

Diretora da Faculdade de Educação da UFRJ

Esta seção temática da Revista Contemporânea de Educação foi pensada no âmbito das comemorações dos 50 anos da Faculdade de Educação e se inscreve em um conjunto de atividades acadêmicas que ocorreram ao longo do ano de 2018. Diferente das demais edições, ela traz as marcas comuns a todo ato de celebração. Afinal, celebrar é comemorar e compartilhar narrativas que não queremos que sejam esquecidas. É fazer trabalhar a memória, seguindo rastros de cada presente, projetando futuros nos quais apostamos. É sinônimo de festa, alegria e júbilo, e também de intensa reflexão, pois o orgulho da Faculdade de Educação ao fazer 50 anos vem acompanhado da celebração do compromisso com a educação universal, pública, laica e gratuita.

Desse modo, esse ato de celebração foi pensado como uma forma possível de narrar, a partir de nossa contemporaneidade, a trajetória da Faculdade de Educação ao longo desse período em suas múltiplas temporalidades e formas de articulação entre presente, passado e futuro, reconhecendo sua tradição, seus percalços, seu papel de resistência no cenário atual e os desafios para o próximo meio século de vida.

Foi nesse espírito que este número da RCE foi concebido. A chamada para publicação foi justamente um convite aos autores interessados em compartilhar esse momento de festa e de luta em torno de três eixos que atravessam o cenário político educacional contemporâneo e extrapolam a trajetória singular de qualquer instituição universitária: o lugar **político** da Universidade **Pública** na sociedade brasileira, a **Democratização** do Ensino Superior e a **Formação de professores** da Educação Básica.

O primeiro eixo assinala o lugar estratégico e crucial ocupado pelas universidades públicas em meio às disputas pela hegemonização de um projeto de país em diferentes contextos históricos. O segundo aponta para a relevância e pertinência do enfrentamento, por parte dessas instituições, da injustiça social cognitiva. O que está em jogo aqui é a democratização desse espaço, garantindo, assim, acesso e perma-

nência a diferentes grupos sociais historicamente excluídos da cultura universitária. O terceiro e último eixo delimita uma temática que atravessa e estrutura as faculdades de educação no seio da cultura universitária, reafirmando a função política e social dessas instituições na formação desses profissionais.

Em tempos sombrios e incertos como os que estamos vivendo atualmente, a organização deste número da RCE com estes enfoques se apresenta como uma estratégia de luta que carrega os traços de nosso lugar de fala, deixando entrever a nossa principal forma de resistência que é a reflexão crítica e consistente do ponto de vista teórico.

O conjunto de 11 artigos e uma resenha que configura essa edição comemorativa não poderia expressar melhor essa ideia norteadora. Para além dos artigos que atribuem sentidos à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) como lugar pulsante e protagonista em diferentes momentos da história da UFRJ e do país, destacam-se outras escritas cujos recortes exploram outras tensões e narram as trajetórias de outras instituições, reforçando a pertinência e relevância de produzirmos análises potentes sobre o papel incontornável das universidades públicas na construção de um projeto de sociedade mais justo e menos dogmático.

Como vocês terão a oportunidade de observar, não houve a preocupação em classificar e compartimentar os textos por eixos. Assim, é possível perceber questões que seriam identificadas mais facilmente com um ou outro eixo, estarem articuladas em um mesmo texto. Esses eixos serviram muito mais de inspiração para os autores do que diretrizes ou condicionamentos para a produção dos textos. O resultado em seu conjunto mostra que esse caminho foi acertado.

Em artigo intitulado “O fracionamento da Faculdade de Filosofia da UFRJ: entre o real e o presumido”, Luiz Antônio Cunha apresenta e explora uma narrativa a contrapelo da bibliografia especializada e hegemônica sobre o desmantelamento das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) das universidades brasileiras na década de 1960, em especial da unidade correspondente da UFRJ, a Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi). O autor desvincula cronologicamente esse processo do golpe militar, apresentando evidências que permitem explicar esse fracionamento a partir de interesses internos ao mundo acadêmico.

No texto “Estratificação horizontal nas licenciaturas das instituições federais brasileiras”, Gabriela Honorato, Carolina Zuccarelli e André Vieira problematizam a articulação entre ampliação das matrículas em cursos da área de Educação – responsável, em grande parte, pela expansão recente do ensino superior brasileiro – e democratização de oportunidades de formação em distintas carreiras docentes. Para tal operam com as categorias de análise “democratização segregativa” do ensino superior e “estratificação horizontal”.

Na sequência, o texto de António Nóvoa “O futuro da universidade: o maior risco é não arriscar” reafirma a centralidade das universidades e a sua relevância nas sociedades contemporâneas. A partir de uma análise crítica da agenda de “modernização” das universidades, aponta “a urgência da metamorfose das universidades com base na criação de novos ambientes institucionais no plano pedagógico e científico e na ligação com a sociedade”.

O artigo “Democratização da universidade pública e estudantes de primeira geração na Unespar”, de autoria de Ricardo Fernandes Pataro, apresenta resultado de pesquisa realizada junto aos estudantes dos cursos de graduação da Universidade Estadual do Paraná/Campo Mourão, no período de 2015 a 2018, que tinha por objetivo conhecer o estudante que ingressa na instituição e compreender suas dificuldades. A análise aponta que a grande maioria desses estudantes é aluno/a de primeira geração, o que reforça, segundo o autor, a urgência de consolidar políticas de acesso e permanência à universidade pública brasileira.

Stella Maris Más Rocha em coautoria com Viviana Mancovsky assina o texto “*Investigación y políticas institucionales para la inclusión en la universidad*” que tem por objetivo refletir sobre a democratização do acesso do sistema universitário argentino e sobre o desenho e implementação de políticas institucionais para a inclusão e permanência dos estudantes na universidade.

No artigo “Ainda existe a Universidade? Um retrato da universidade hodierna”, o autor Jorge Olímpio Bento evidencia a crise da universidade, a partir de um recorte autobiográfico, e reafirma a “necessidade de reinventar a Universidade, escrita com letra maiúscula”.

Alejandra Andrea Crocco Valdivia, autora do texto “*Vínculos en la universidad chilena: voces de docentes y académicos*”, focaliza os sentidos atribuídos por docentes e estu-

dantes universitários aos vínculos emocionais que se estabelecem sócio-historicamente no contexto de trabalho da Universidade contemporânea.

“Estudantes universitários: estratégias e procedimentos para a permanência” é o título atribuído por Hellen Cristina Xavier da Silva Mattos e Maria Cristina da Silveira Galan Fernandes ao artigo escrito em coautoria que visa analisar a permanência universitária com foco em estratégias e procedimentos selecionados pelos estudantes oriundos de escola pública para se manterem na universidade.

Isael de Jesus Sena apresenta em seu texto “A cooperação Brasil e Angola por meio da pesquisa em educação” uma reflexão sobre a internacionalização dos programas de pós-graduação em educação, a partir da análise de um acordo de cooperação internacional financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)/Associação de Universidades de Língua Portuguesa (AULP), entre a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e o Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED) da Universidade 11 de Novembro, em Cabinda, Angola, reafirmando o lugar decisivo e inovador desse tipo de parceria entre universidades na formação de pesquisadores africanos.

João Victor da Fonseca Oliveira e Luciano Mendes Faria Filho, no texto “Educação e modernização: a UFMG na trajetória de um projeto modernizante (1968-1974)”, problematizam a relação entre educação e modernização na segunda metade do século XX, destacando o processo ocorrido na UFMG, com ênfase na criação dos programas de pós-graduação.

O artigo “Autonomia universitária e liberdade acadêmica”, escrito por Roberto Leher, faz uma análise da articulação entre esses dois conceitos presentes no título, sublinhando a sua potência para a reflexão sobre a realização das funções públicas das instituições. A partir de uma abordagem histórica, focaliza conflitos jurídicos e políticos e defende a importância da prática efetiva da autonomia frente aos desafios e as demandas que interpelam, em nossa contemporaneidade, a universidade pública.

Fechando essa edição especial, a resenha escrita por Ana Angelita Rocha e Luciano Carlos Mendes de Freitas Filho do livro “*Teacher subject identity in professional practice – Teaching with a professional compass*”, de autoria de Clare Brooks, publicado em 2016, sublinha a contribuição dessa autora para os debates sobre a profissionalização do docente da educação básica, em particular na área de Geografia. Fruto de uma pesquisa longitudinal ao longo de 15 anos, o trabalho investe na potencialidade

analítica de articular o processo de construção da identidade docente e a relação com o conhecimento produzido em um campo disciplinar específico.

Apostamos que a publicação e divulgação desses textos junto à comunidade acadêmica possam contribuir para manter vivas a dúvida e a esperança, deixando permanentemente aberta a possibilidade de outras leituras e reflexões sobre a universidade pública e seu lugar na produção e distribuição do conhecimento.

Faculdade de Educação da UFRJ, PRESENTE!

Universidade pública, laica, autônoma e democrática, PRESENTE!

Carmen Teresa Gabriel

Diretora da Faculdade de Educação da UFRJ